

RELATÓRIO

Pesquisa Adusp sobre
as condições de trabalho
durante a pandemia

Adusp

setembro de 2020

Em 13 de março de 2020, toda a sociedade paulista foi tomada de súbito pelo início do estado de distanciamento social, particularmente, a Universidade de São Paulo, seguindo recomendações do governo estadual, suspendeu as atividades presenciais para estudantes, docentes e funcionária(o)s técnico-administrativa(o)s.

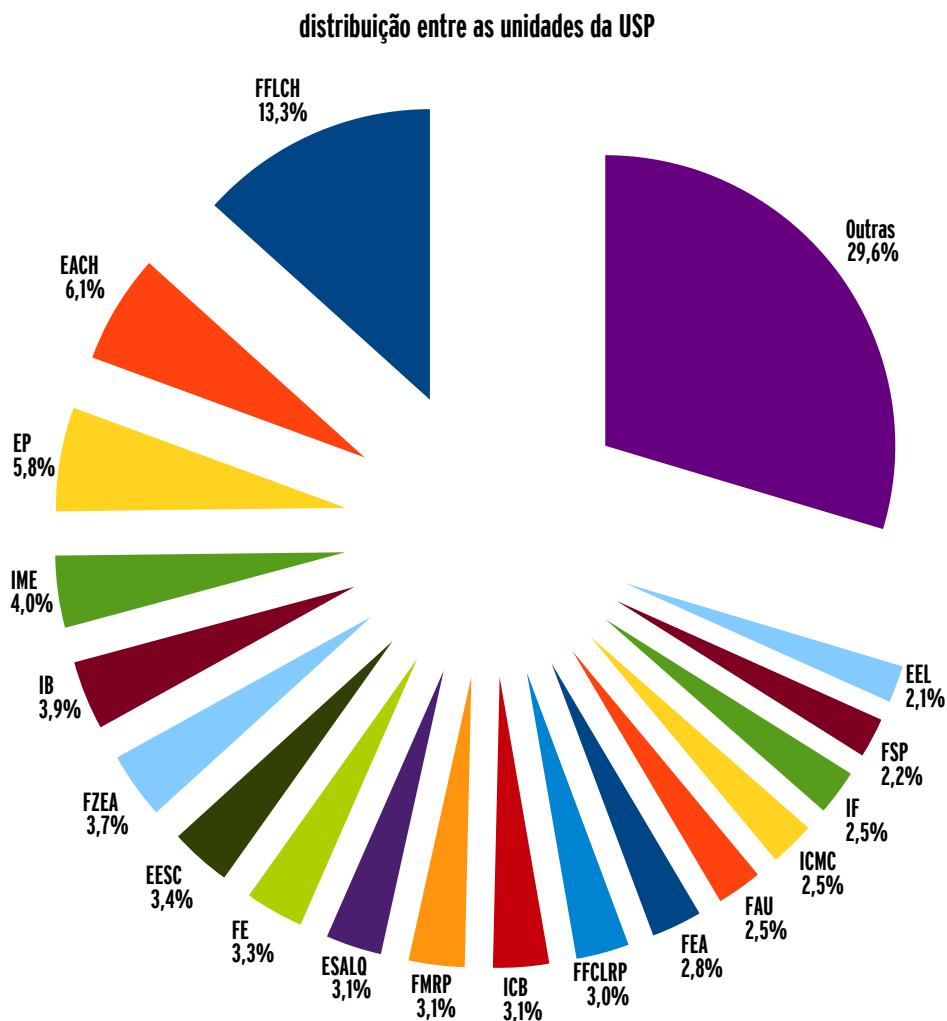
Diante deste quadro, estabeleceram-se novas relações de trabalho dadas as necessidades do ensino remoto emergencial. A Adusp, desde o início, procurou, através de seus meios de comunicação, contribuir para a avaliação das consequências da adoção dessa medida sobre as condições de trabalho.

Entre as atividades promovidas por nossa seção sindical, houve a criação de um grupo de trabalho com o objetivo de auxiliar a diretoria em suas ações durante este período, o que permitiu ampliar o debate. O grupo de trabalho sugeriu a realização desta pesquisa, que foi levada a cabo pela diretoria da Adusp, e visa a contribuir para discussão das ações tomadas pela administração da Universidade e seus impactos para o corpo docente.

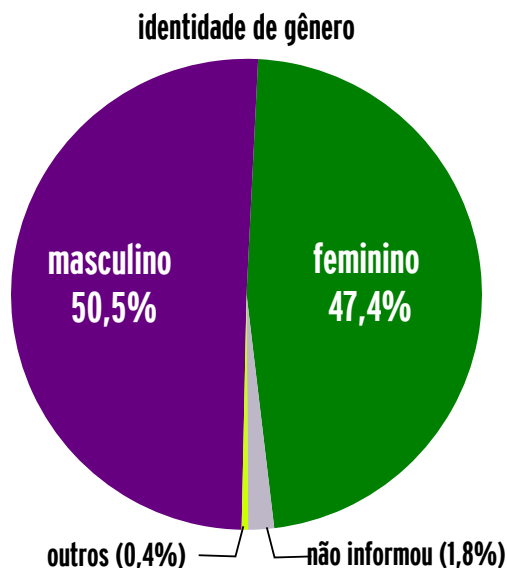
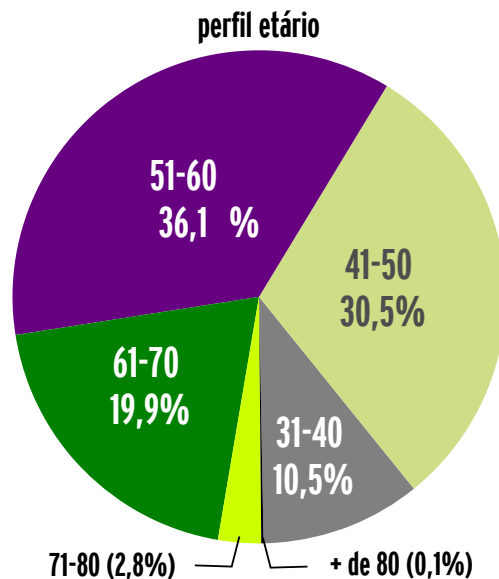
Esperamos que os dados possibilitem a reflexão de todos os setores da Universidade sobre as condições laborais durante a pandemia de Covid-19.

Diretoria da Adusp
Mandato 2019-2021

O questionário da Adusp, direcionado à categoria docente e aplicado de 8 a 20 de julho de 2020 para avaliar o impacto da pandemia no trabalho acadêmico, contou com a participação de 675 professora(e)s de 46 unidades da USP, na proporção apresentada pelo gráfico abaixo.

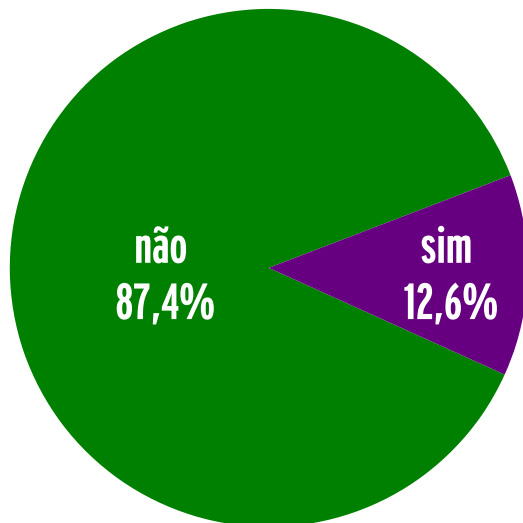


A pesquisa permitiu um delineamento do perfil geral do corpo docente participante. A maioria da(o)s docentes que colaboraram com a pesquisa se encontram entre 41 e 60 anos (66,6%), sendo 22,8% acima dessa faixa etária e 10,5% abaixo dela. Quanto à identidade de gênero, 50,5% se reconhecem como homem, 47,4%, como mulher e 0,4% reúnem um travesti, um homem trans e uma pessoa não binária. Quanto à orientação sexual, 85,2% se declaram heterossexuais, 4,1% homossexuais, 2,4% bissexual ou pansexual, sendo que 8,3% não quiseram dar essa informação. No que diz respeito à cor da pele ou à raça, a grande maioria

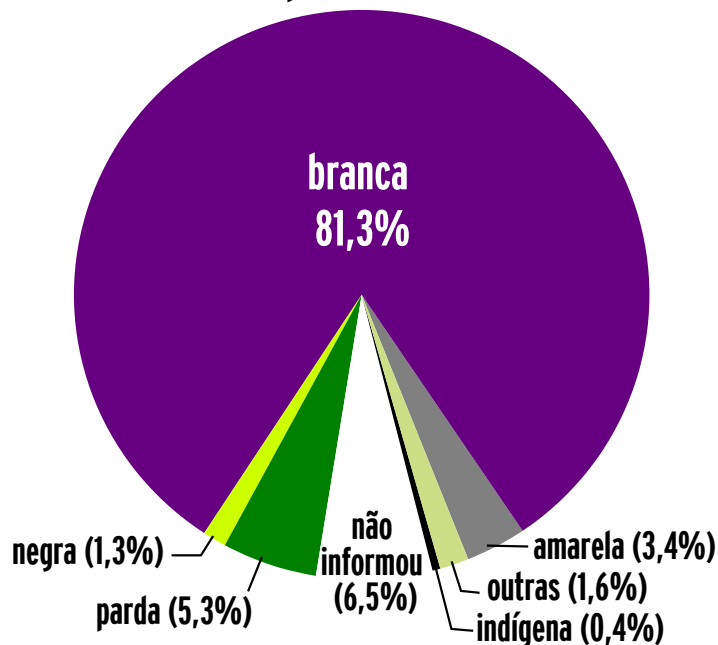


(81,3%) se reconhece como branca, um pequeno grupo se identifica como pardo (5,3%), outro menor como amarelo (3,4%), outro ainda menor como negro (1,3%) e outro extremamente pequeno (0,4%) como indígena. Quanto ao regime de trabalho, 12,6% se encontram em regime probatório para o RDIDP.

em estágio probatório de RDIDP?

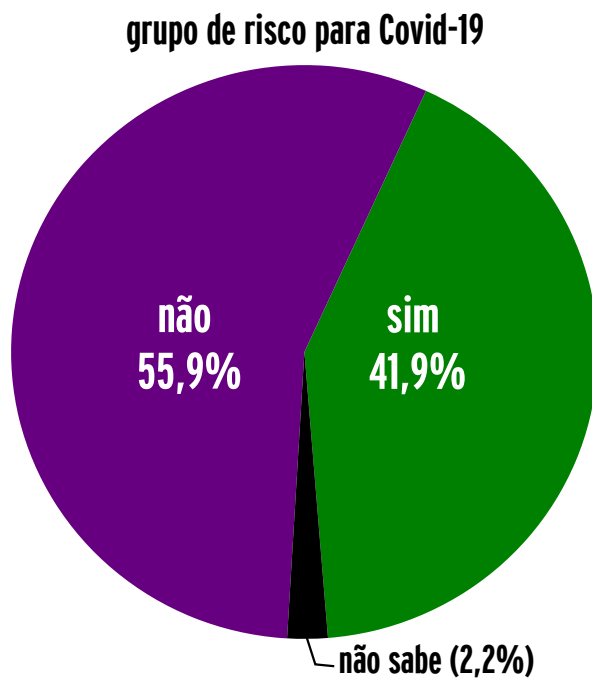


perfil étnico



A pesquisa revelou um perfil pouco heterogêneo do corpo docente, constituído majoritariamente de docentes branca(o)s, heterossexuais, numa faixa etária mais madura, em RDIDP, com um expressivo percentual de grupo de risco para Covid-19: quase a metade (41,9%) se declarou dentro desse grupo. Vale destacar que os dados eviden-

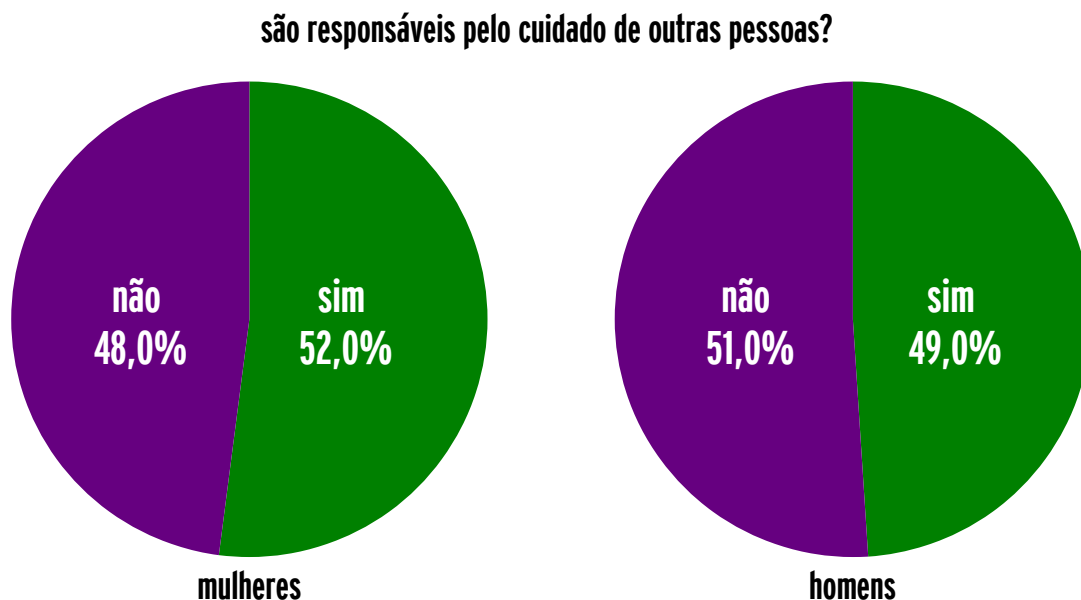
ciam que as situações de risco vão além da questão etária, uma vez que o grupo de docentes acima de 60 anos corresponde a 22,8%, enquanto que o das pessoas em situação de risco é bem maior, 41,9%. Essa constatação nos leva a olhar para as condições de trabalho desse conjunto central de docentes, mas também para suas margens.



GÊNERO E PANDEMIA

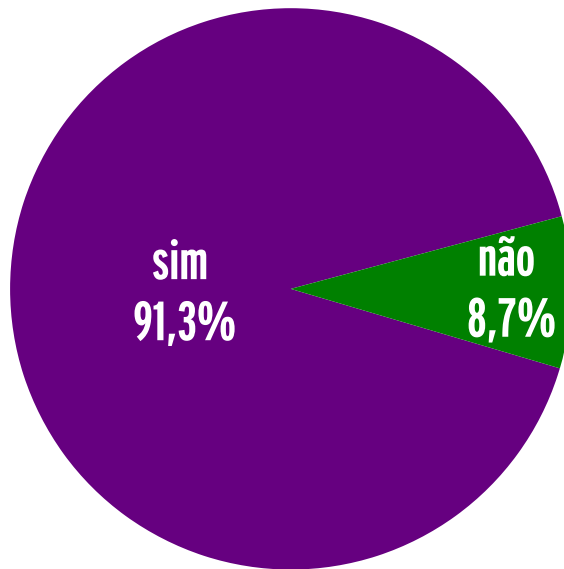
O primeiro recorte que nos chamou a atenção na pesquisa diz respeito à questão do gênero.

Ainda que de forma pouco acentuada, é possível constatar que mais mulheres (52%) do que homens (49%) são responsáveis pelo cuidado de outras pessoas, sendo que mais mulheres (7,2%) do que homens (4,1%) tinham tido ou estavam com Covid-19 na altura da pesquisa. Entre outros fatores, a maior responsabilidade atribuída à mulher em cuidar dos familiares, que vem de nossa tradição de masculinidade tóxica e dominante, explica esses dados.

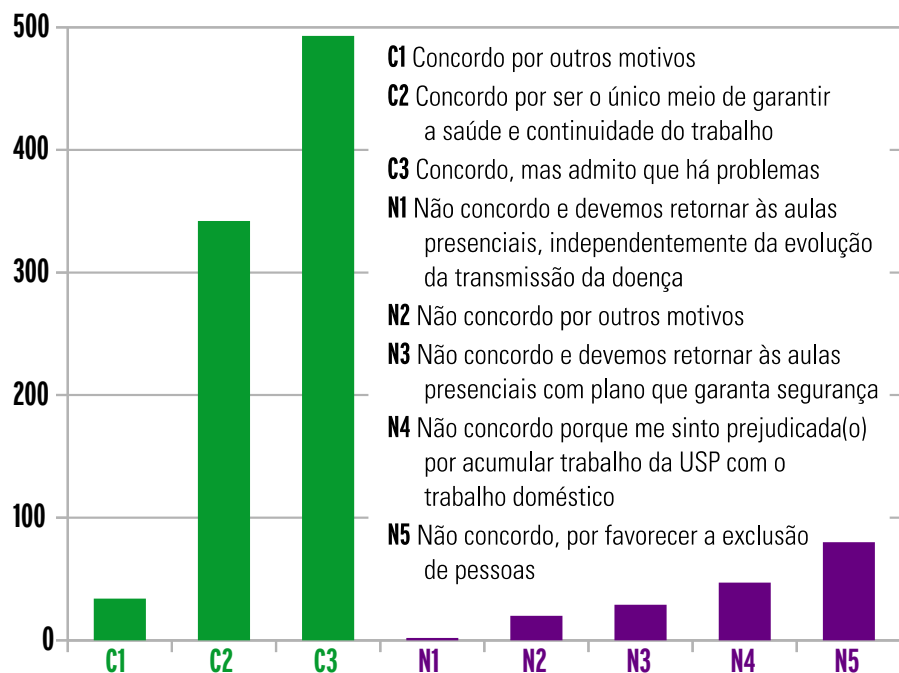


Um número semelhante de homens (91%) e mulheres (92%) ofereceu disciplinas no primeiro semestre. A maioria da(o)s docentes em geral (73%), sem diferença expressiva entre homens e mulheres, concorda com o trabalho remoto, porém admite haver problemas, sendo que 50,7% concorda por ser o único meio de garantir a saúde e a continuidade do trabalho durante a pandemia. A(o)s que não concordam com as aulas remotas somam apenas 19,5%, quer porque julgam que devemos retornar às aulas presenciais independentemente da evolução da pandemia ou com um plano de segurança (4,3%), quer porque as aulas remotas favorecem a exclusão de estudantes (11,9%) ou o acúmulo de trabalho(7%) por parte da(o)s docentes.

ofereceu disciplinas no 1º semestre?



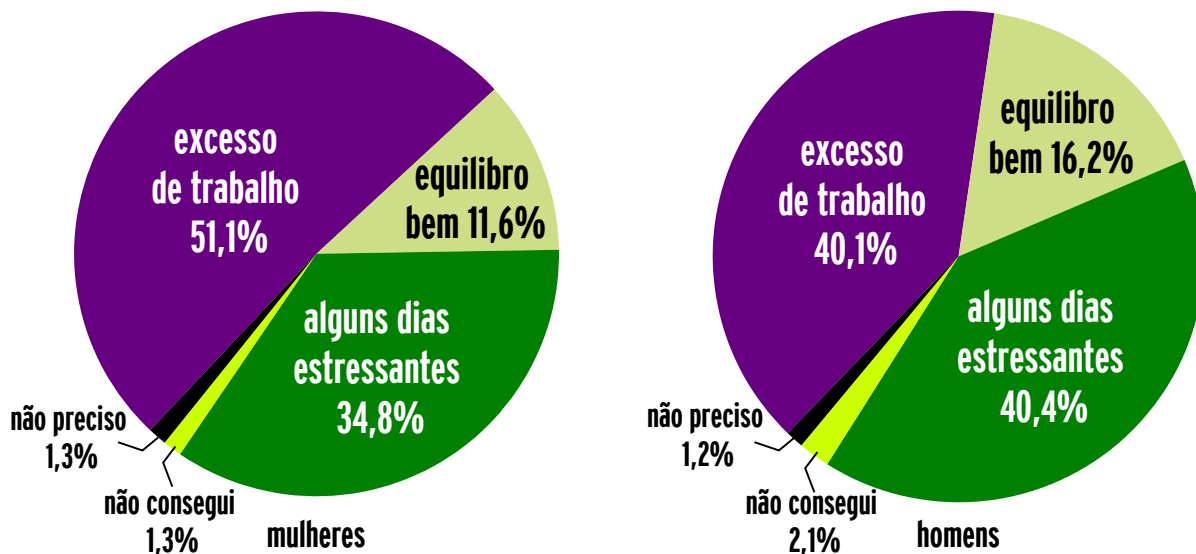
Entre a(o)s que concordam, no entanto, cerca de 73% d(a)os docentes admite que há problemas nessa forma de ministrar os cursos e outras atividades, o que se evidencia na dificuldade por parte de cerca de dois terços (66,5%) da categoria de cumprir regularmente seus compromissos de ensino, gestão, pesquisa, cultura e extensão.



98,5% da(o)s docentes que participaram da pesquisa, sem expressiva diferença de gênero, declaram estar realizando suas atividades exclusivamente a partir de suas residências. Todavia, os homens consideram essa nova condição de traba-

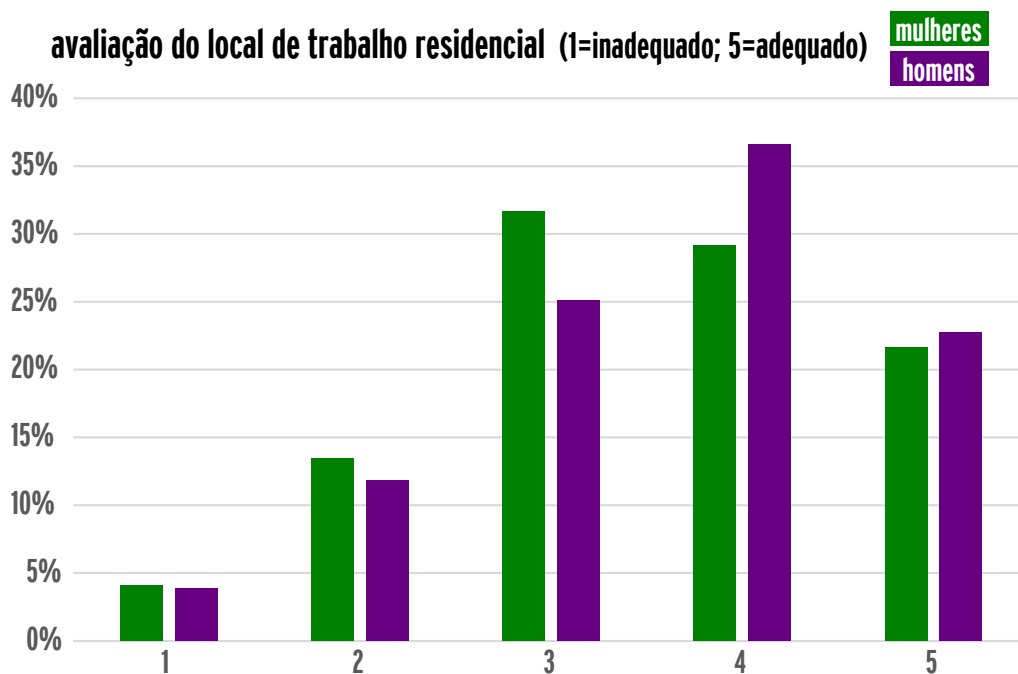
lho menos onerosa do que as mulheres, pois, enquanto 40,1% dos homens julgam que têm uma carga de atividades maior do que antes da pandemia, esse número sobe para 51,1% entre as mulheres.

como você está conciliando a gestão do tempo?



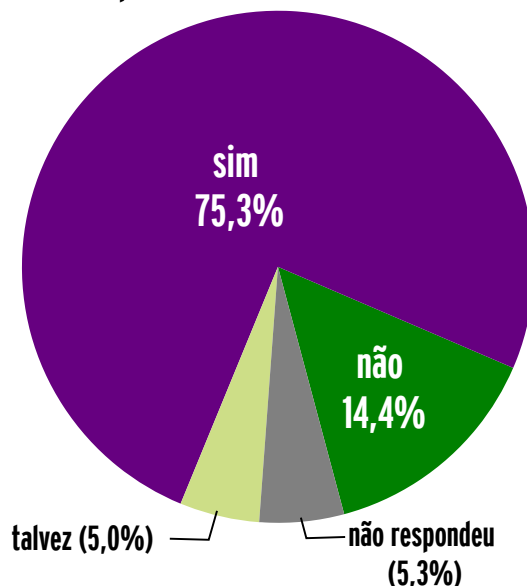
No espaço de trabalho em casa, os problemas mais comuns são o barulho e a presença de outras pessoas. A maioria dos entrevistados aponta algum problema quanto ao local onde atualmente realizam suas tarefas. Entre os homens, apenas 13% afirmam não haver problemas relevantes. Essa proporção é ainda menor entre as mulheres (10%). Assim, constata-se que as mulheres estão mais sobrecarregadas e têm piores condições de trabalho no período da pandemia, provavel-

mente por conta da tripla jornada de trabalho (universidade, família e afazeres domésticos) que já tinham que realizar antes da pandemia, mas de forma mais compartimentada e organizada, tendo essa jornadas se tornado mais intensas, ocorrendo agora no mesmo espaço: o da residência.

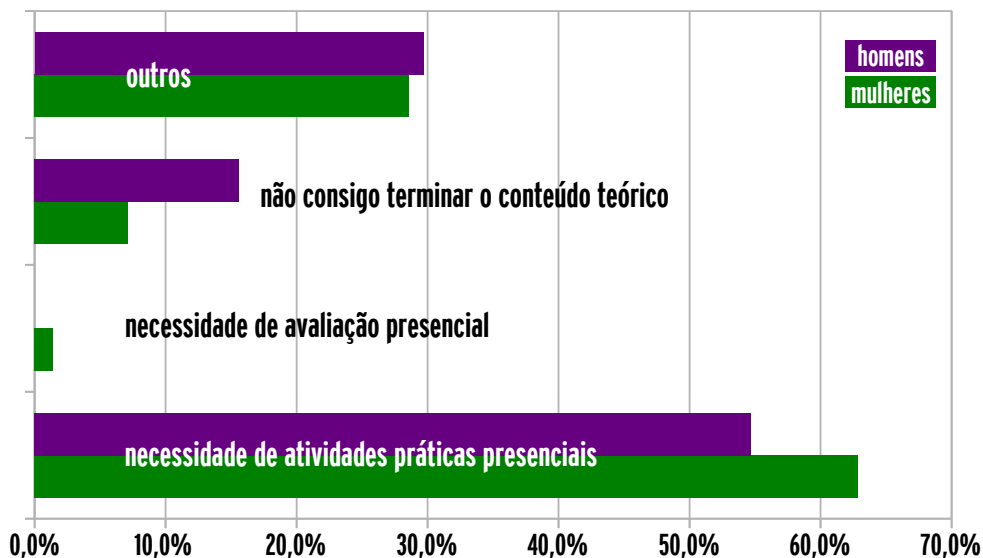


Cerca de 75,3% da(o)s docentes, sem distinção de gênero significativa, consideraram que encerrariam o primeiro semestre dentro do calendário proposto por sua unidade, tendo, todavia, ocorrido prorrogação de prazo na grande maioria. Entre a(o)s que julgaram que não conseguiram assim proceder, o maior motivo foi o da necessidade de práticas presenciais, entre as mulheres (63%) e entre os homens (55%) seguido de “ou-

suas disciplinas serão encerradas no calendário?



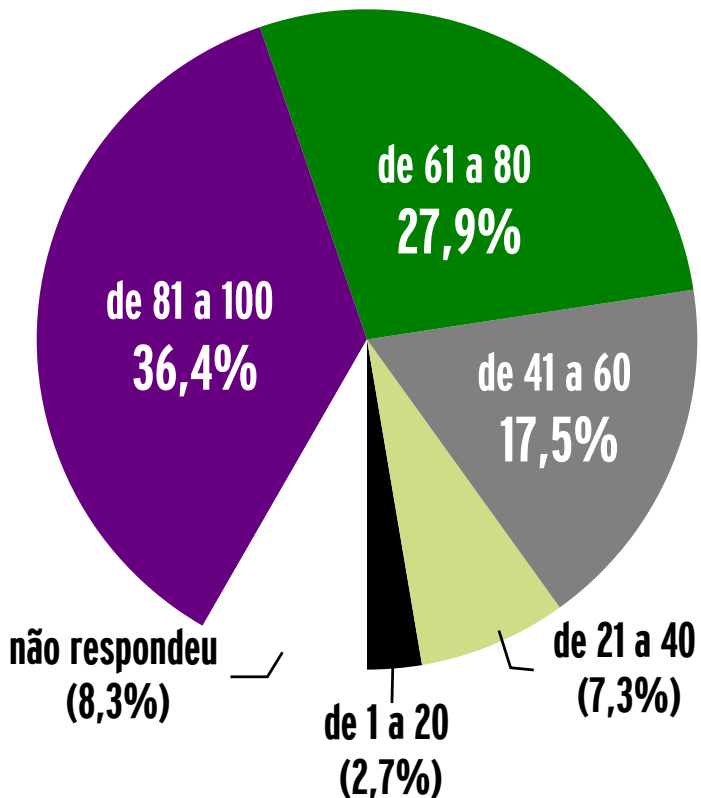
motivos de não conseguir terminar no calendário proposto



tros” (aproximadamente de 30%). Esses “outros” motivos sugerem dificuldades específicas de gestão do contexto imposto pela pandemia.

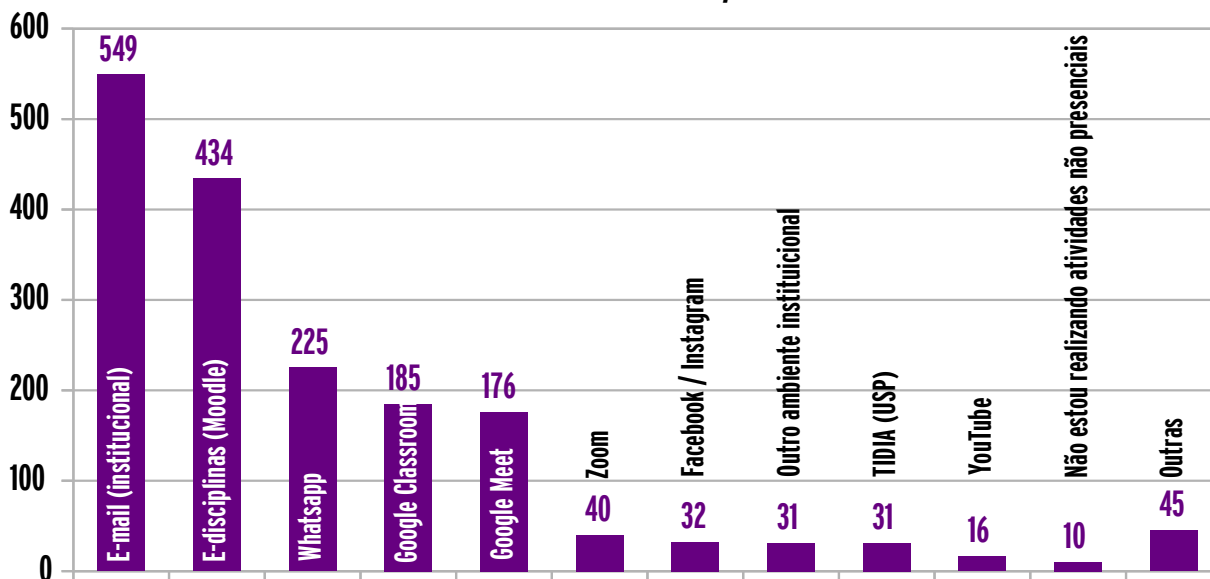
Quanto à participação da(o)s estudantes nas aulas remotas, docentes em geral estimaram que cerca de 64,3% assistiram mais do que 60% das aulas, como demonstra o gráfico ao lado, o que parece ser um número expressivo. Todavia, quando comparado ao contexto de aulas presenciais, o contingente de 27,5% de estudantes com frequência menor do que 60% é bastante preocupante. Além disso, o aproveitamento dessas aulas por parte da(o)s estudantes foi questionado pela(o)s participantes da pesquisa em respostas do questionário que previam redação, sem que possamos apresentar aqui um percentual.

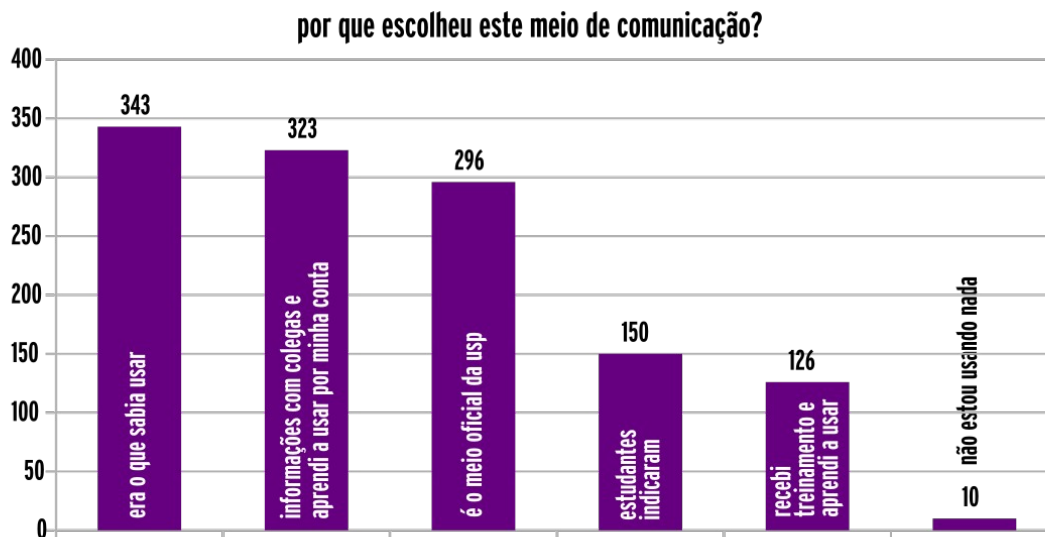
percentual de participação de estudantes



O email e o e-disciplinas da USP foram os meios mais frequentes para estabelecer contatos com os alunos, seguidos do WhatsApp e do Google Classroom, julgados como formas medianamente eficientes, escolhidos majoritariamente por conta de conhecimentos prévios da(o)s docentes, ainda que uma parte expressiva aprendeu a utilizar esses meios por conta da pandemia, sendo privilegiados programas e aplicativos referendados oficialmente pela USP.

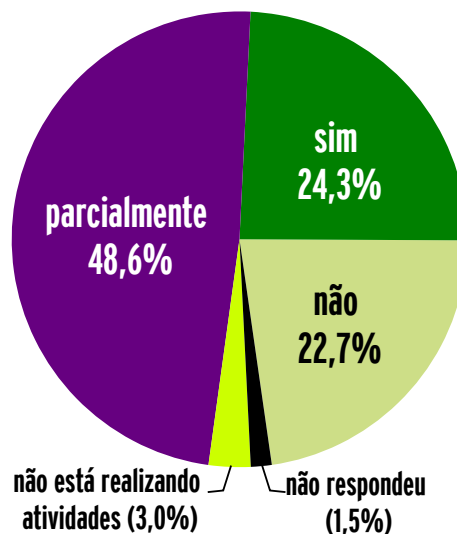
como está se comunicando com as/os estudantes?





Sem significativa distinção de gênero, apenas cerca de 24,3% do material didático da(o)s docentes já se encontrava adaptado a atividades não presenciais, sendo que cerca de 48,6% se encontrava facilmente adaptável e 22,7% não se adaptava a esse modelo de ensino. Para contornar essa situação, cerca de 85% da(o)s professora(s) se revelaram disposta(o)s a se dedicar a um curso de duração entre 2 e 16 horas para aprender

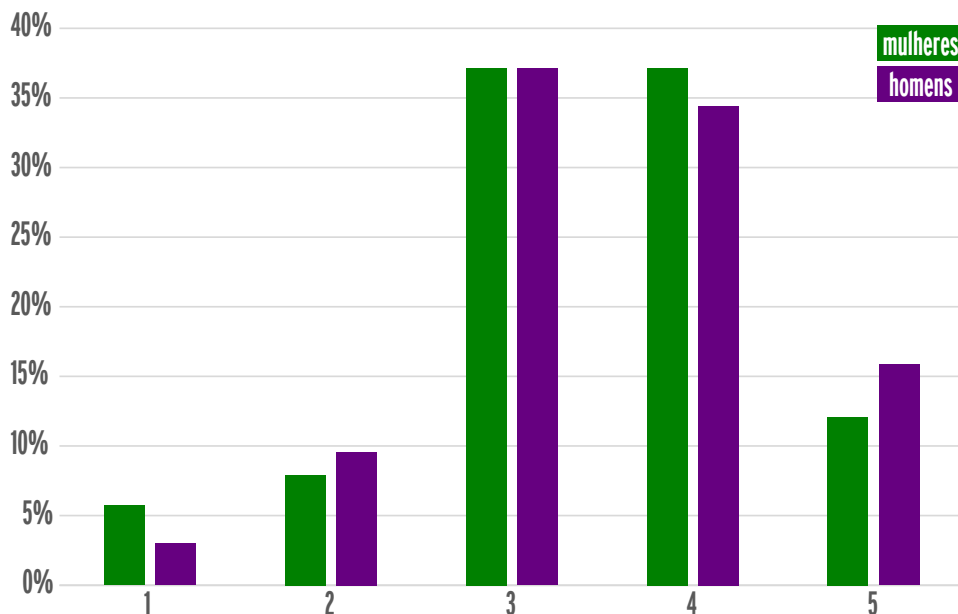
o material da disciplina estava adaptável?



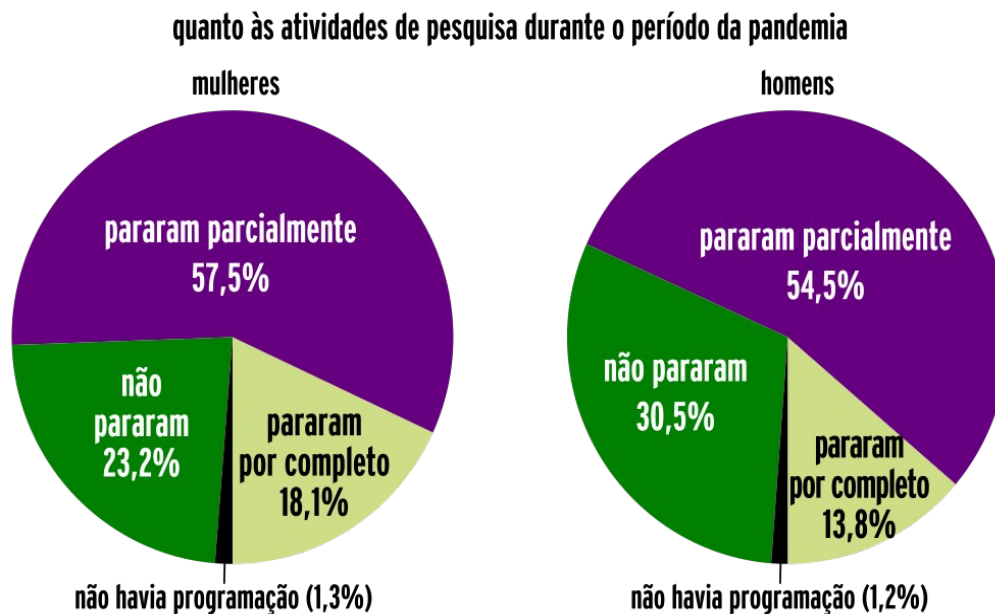
novas tecnologias à distância, sendo que mais de dois terços desse contingente não se dispôs a despendar mais do que quatro horas nessa atividade. Cerca de 15% não julgaram necessário esse investimento. Portanto, parece que a disponibilidade da(o)s professora(s) em dedicar tempo para aprender novas técnicas de ensino remoto não é grande, o que se deve, provavelmente, ao não reconhecimento da qualidade dessa forma de ensino em relação ao ensino presencial, para o qual se encontram devidamente habilitados.

A maior parte da(o)s docentes se veem medianamente preparada(o)s para o ensino não presencial no segundo semestre de 2020, sendo que a maioria (cerca

sente-se preparada(o) para atividades não presenciais no 2º semestre? (1= inadequado; 5= adequado)

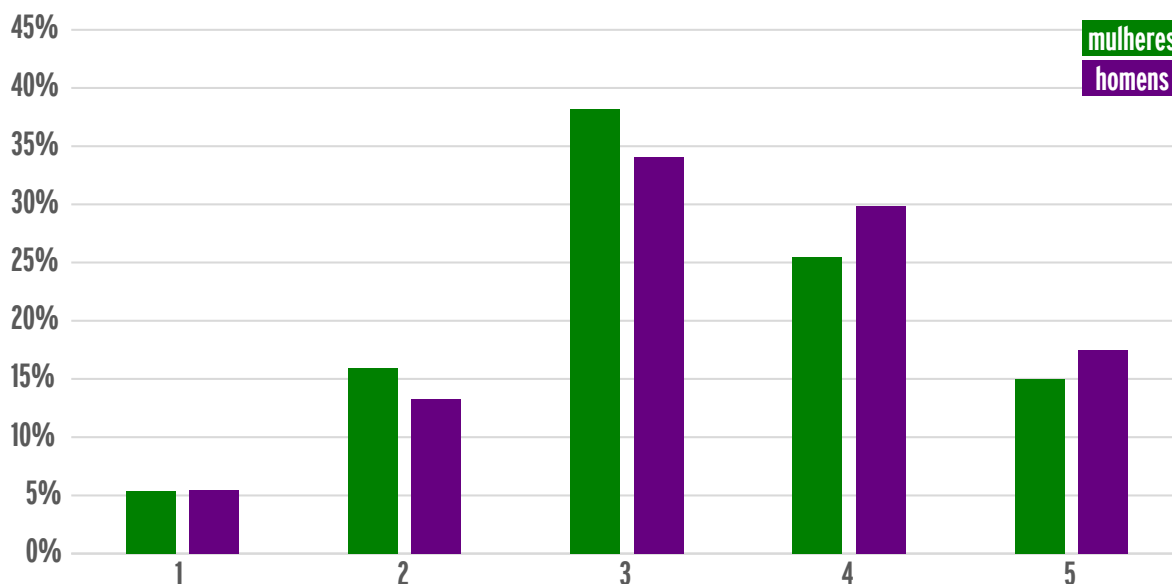


de 56%) pararam parcialmente suas atividades de pesquisa e se sentem medianamente preparada(o)s para dar continuidade a elas neste segundo semestre. Outros 16% pararam completamente. Nesse item, é importante notar que os homens se sentem um pouco mais preparados que as mulheres, muito provavelmente



te porque conseguiram equacionar melhor as tarefas da universidade e da vida privada, o que vem novamente indicar a sobrecarga para as mulheres proveniente do trabalho familiar e doméstico, o que é reforçado pela maior dificuldade em atingir os objetivos traçados. Cerca de 50% da(o)s docentes julgam que conse-

sente-se preparada(o) para atividades de pesquisa no 2º semestre? (1=inadequado; 5=adequado)



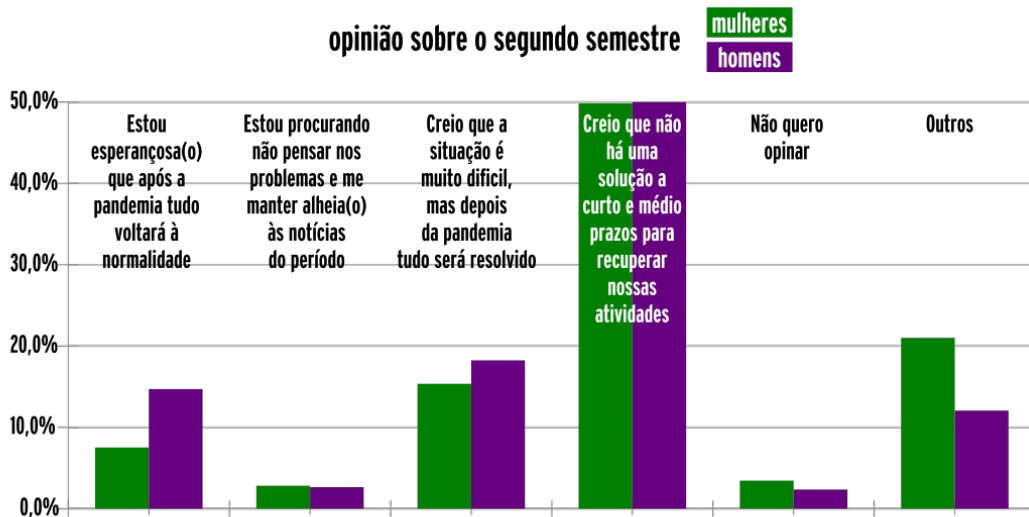
guirão atingir parcialmente seus objetivos, sendo que novamente entre os homens o número daquela(s) que avaliam que conseguirão atingi-los plenamente é maior (21%) do que entre as mulheres (14%), assim como o número daquela(s) que avaliam que não vão atingir seus objetivos é maior entre as mulheres (31%) do que entre os homens (27%).

Mais da metade dos entrevistados (57%) possuíam atividades de extensão programadas para o período da pandemia. Dentre esses, 42% foram forçados a

suspendê-las e 44% a adaptá-las. Apenas 16% dessas atividades foram concluídas parcialmente e ínfimos 3% completamente.

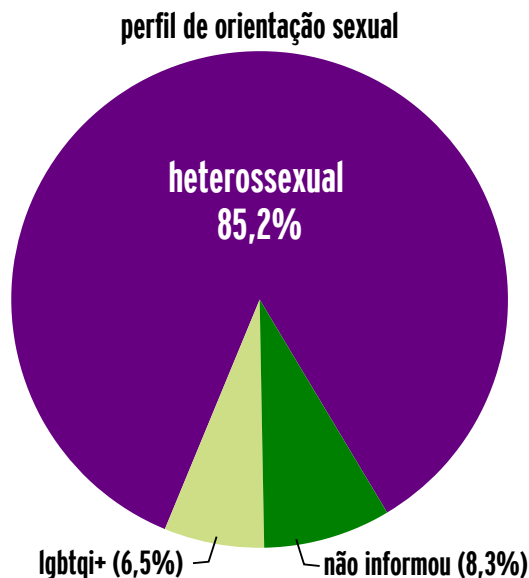
Para o presente semestre, 38,8% afirmaram que se sentem despreparada(o)s ou pouco preparada(o)s para atuar nas atividades de extensão, 33% julgam que estão medianamente preparada(o)s e somente 24,8 sentem-se bem preparada(o)s, o que revela as incertezas e inseguranças da categoria para atuar junto à comunidade fora da USP por meio de atividades não presenciais.

Quanto ao futuro próximo, metade dos participantes da pesquisa considerou que não há solução em curto e médio prazos para o retorno à normalidade das atividades. Os homens (33%) são mais otimistas do que as mulheres (23%) nesse aspecto, provavelmente porque estão enfrentando um quadro menos complexo de adversidades.



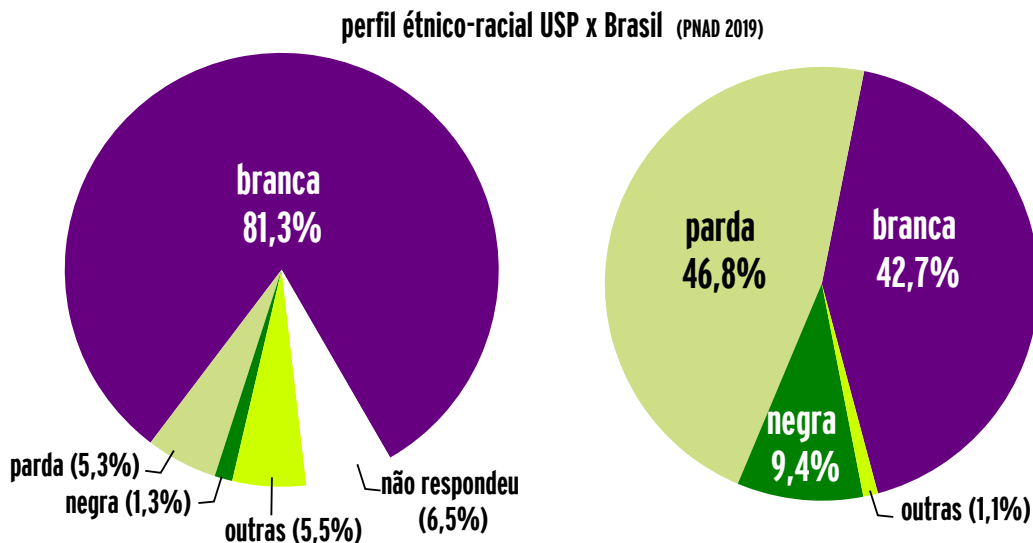
AS MINORIAS DE GÊNERO E A QUESTÃO RACIAL

Os dados colhidos nesta pesquisa não foram suficientes para mensurar se a pandemia afetou de forma peculiar aquela(s) que se declaram pertencentes ao grupo LGBTQI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queers, Intersexuais e outros), cujo percentual foi apenas de 6,5% no total.



Se olharmos para o recorte racial temos o mesmo problema. Constatamos que apenas 12,1% da categoria não se reconhece como branco, o que também não produziu dados relevantes para os objetivos desta pesquisa. Vale, no entanto, observar que é um número muito abaixo do perfil da população brasileira, já que dados mais recentes do IBGE, referentes à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2019 (acessáveis em <http://www.sidra.ibge.gov.br/tabela/6408>) revelam que 42,7% da população nacional se reconhece como branca,

46,8% como parda, 9,4% como preta e 1,1% como amarela ou indígena. Os grupos não brancos reunidos somam 57,3%, o que está muito acima dos pouco mais de 10% da categoria, revelando uma desproporção exacerbada entre o perfil da população brasileira e o perfil de nossa categoria na USP.



Nesta avaliação das condições de trabalho docente durante a pandemia, os dados desses grupos sub-representados na universidade acabaram por se diluir nos grupos hegemônicos, não permitindo identificar suas especificidades. Preconceitos enraizados na sociedade brasileira certamente interferem em seu cotidiano

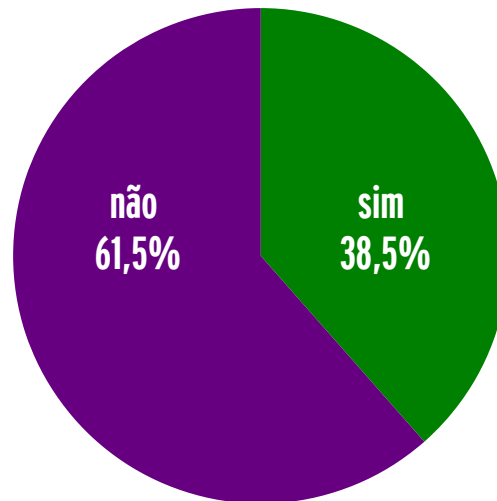
de trabalho, que podem se acentuar em momentos de crise como este. Nossa pesquisa não gerou dados suficientes para mensurar esses impactos.

Todavia, o fato de termos no corpo docente um número inexpressivo de professor(a)s LGBTQI+, assim como de negra(o)s, parda(o)s ou indígenas já revela como a USP lida muito mal com essas questões, ignorando-a até recentemente e tratando-a de forma ainda pouco satisfatória.

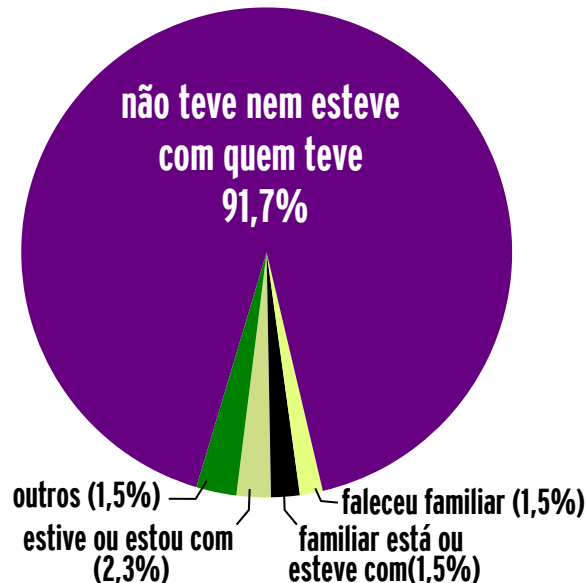
GRUPO DE RISCO

Se levarmos em consideração aquela(e)s que se declararam dentro do grupo de risco, isto é, 42% do total de docentes que participaram da pesquisa, constatamos que 38,5% desse grupo são responsáveis por outras pessoas, o que aumenta expressivamente a necessidade de se cuidarem, sendo que 91,7% do grupo de risco nunca tiveram contato com pessoas com Covid-19. Garantir a manutenção do isolamento absoluto para esse grupo, portanto, é de extrema importância. Constata-se que não há diferença muito expressiva na avaliação das condições de trabalho de docentes do grupo de risco de Covid-19 e daquela(e)s que estão fora dele, uma vez que a adaptação ao trabalho remoto apresentou dificuldades similares para ambos os grupos.

grupo de risco: responsável por cuidar de outro(s)

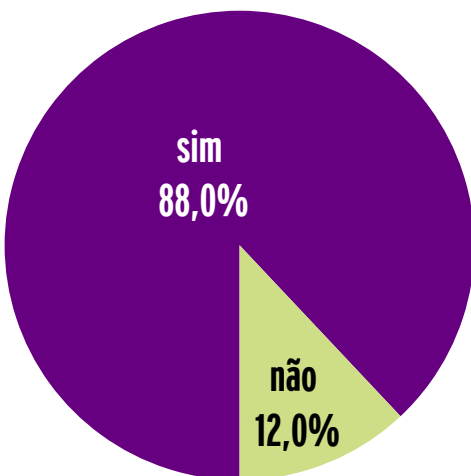


grupo de risco: exposição à Covid-19

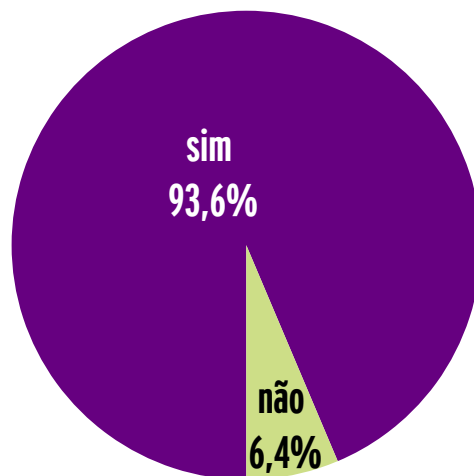


A grande maioria do grupo de risco (88%) ofereceu disciplina remota, tendo uma adesão um pouco menor do que a da(o)s docentes fora desse grupo, provavelmente por conta da menor intimidade com mídias digitais, já que se trata de um grupo de faixa etária mais avançada. Outra desmotivação seria o não reconhecimento do ensino remoto como um substituto legítimo do ensino presencial. Por razões óbvias, no entanto, este grupo, mais do que o outro, considerou adequado o trabalho realizado de casa durante pandemia.

ofereceu disciplina remota?

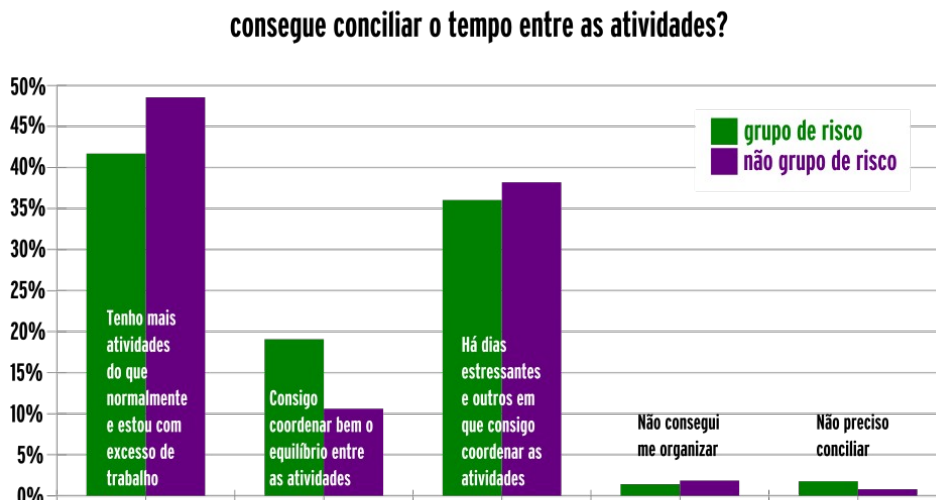


grupo de risco



fora do grupo de risco

Um percentual maior (19% contra 11%) do grupo de risco conseguiu conciliar melhor trabalhos acadêmicos, domésticos e familiares do que o restante de docentes, provavelmente pela mesma razão de estar em uma faixa etária mais alta, que implica um avanço maior na carreira e, portanto, maior estabilidade financeira para gerir o cotidiano.



Além do barulho e da presença de outras pessoas, os dois principais problemas assinalados pela imensa maioria de docentes para se realizar as tarefas de casa, esse grupo ressaltou também a falta de condições materiais adequadas para tanto. Parece tratar-se de um grupo que trabalhava pouco em casa no período anterior

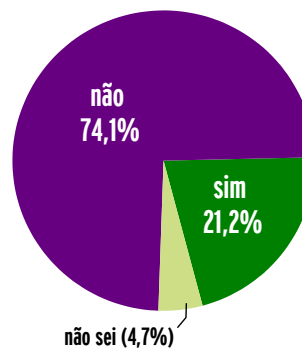
à pandemia, mantendo-se a maior parte do tempo na universidade. A comunicação com estudantes deu-se parcialmente por e-mails e e-disciplinas, mas sobretudo por outros meios que não aqueles relacionados na pesquisa, o que reafirma a menor familiaridade desse grupo com mídias digitais.

Afora essas peculiaridades, docentes que integram o grupo de risco não revelam diferenças significativas do restante do corpo docente da USP, a não ser em itens ligados provavelmente à faixa etária, como já assinalamos, o que nos leva para um outro tópico: o de professora(e)s em estágio probatório para o RDIDP e, geralmente, mais jovens.

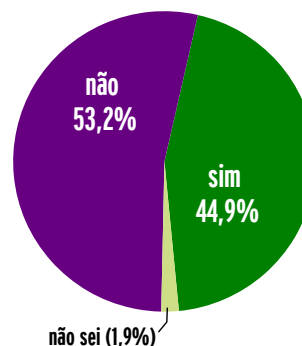
DOCENTES EM ESTÁGIO PROBATÓRIO PARA O RDIDP E A PANDEMIA

Do conjunto de participantes da pesquisa, 12,5% se encontravam em estágio probatório para o RDIDP. Apesar de apresentar um percentual bem menor no grupo de risco (21,2%) em relação ao conjunto de docentes da pesquisa (44,9%), ainda assim 55,3% são responsáveis por outra pessoa, o que representa um alto risco em eventual exposição à Covid-19. Um percentual um pouco maior desse grupo em relação ao restante concordou em ministrar aulas remotas e assim procedeu. Todavia, apresentam um juízo mais negativo no que concerne à adequação do local de trabalho. Tiveram também maior dificuldade em desenvolver as atividades de gestão, ensino, pesquisa, cultura e extensão do que aquela(s) que estão em RDIDP, provavelmente por terem compromissos familiares mais dispendiosos e que tomam

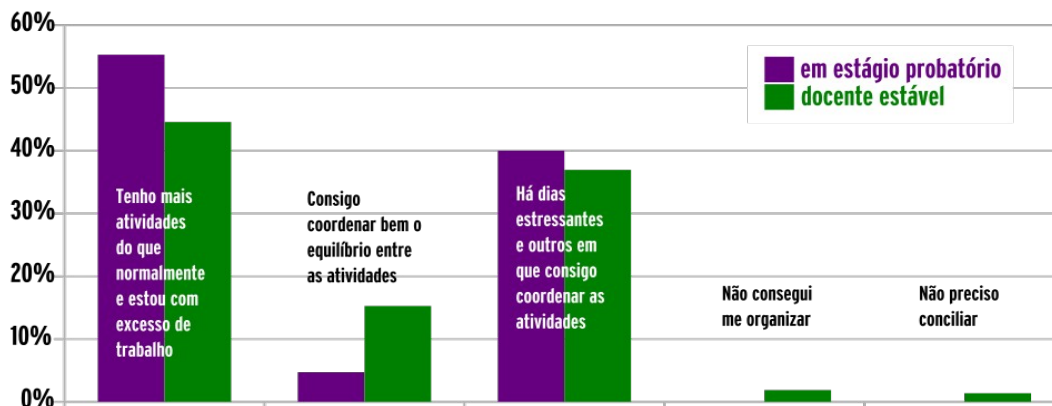
docente em estágio probatório: grupo de risco



docente estável: grupo de risco

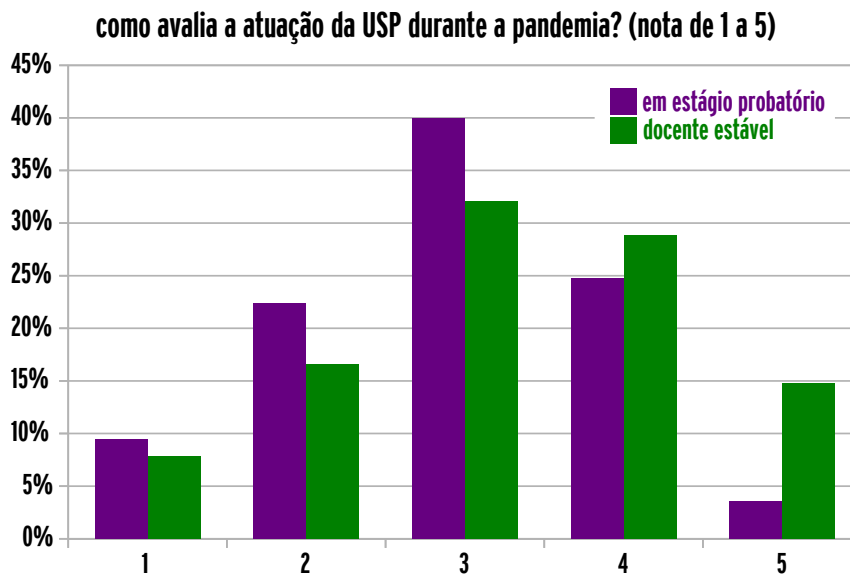


consegue conciliar o tempo entre as atividades?



mais tempo, sobretudo para aquela(e)s que têm filhos ainda na infância. A maioria declarou que tinha mais atividades do que normalmente, estando com excesso de trabalho, ao contrário do que aconteceu com o grupo que tem RDIDP, em que esse percentual é menor que a metade. Ainda assim declararam que suas disciplinas se encerrariam no calendário proposto numa proporção maior do que aquela de docentes com RDIDP. Revelam se sentir um pouco menos preparada(o)s para aulas remotas no segundo semestre do que o outro grupo, mostrando ainda maior dificuldade em manter as atividades de pesquisa em 2020.

A avaliação que fazem da atuação da USP durante o período da pandemia é bem mais negativa do que aquela do grupo de docentes com RDIDP. Evidentemente, muitas das respostas desse grupo de docentes estão relacionadas com sua condição salarial, já que precisam atuar como professor(a) com RDIDP em condições salariais bastante adversas, tendo em vista o baixo piso salarial da categoria na atualidade, o que é muito oneroso em todos os sentidos. Certamente até a data da pesquisa não tinham tido o suporte adequado da universidade para ministrar aulas remotas, pois, diferentemente de professora(e)s em níveis posteriores da carreira, muitos necessitavam de ajuda institucional para ter equipamento e serviços adequados para realizar as atividades acadêmicas que lhes foram exigidas a partir de sua residência, como aconteceu também com muitos da(o)s estudantes.



ANÁLISE QUALITATIVA DAS RESPOSTAS POR ESCRITO

As respostas que permitiam que a(o) participante se expressasse por escrito, para além das respostas previstas no questionário de múltipla escolha, foi objeto de uma análise qualitativa.

Esta análise revelou que o principal tema abordado foi a atuação da reitoria, considerada pela maioria como omissa na liderança e gestão no que se refere à qualidade de vida no interior da universidade, chegando a “envergonhar o professor”.

Também foi demarcada a falta de capacitação de docentes e a demora no estabelecimento de diretrizes para o ensino online, não levando em consideração a situação familiar e os re-

ursos tecnológicos da(o)s docentes para a adoção de tal modelo. Docentes sentiram-se sobrecarregada(o)s pelo trabalho em casa, com longos períodos no computador, o que gerou problemas ergonômicos, entre outros. A falta de recursos técnicos para o modelo remoto comprometeu o ensino em seu conteúdo e qualidade.

Ressaltou-se ainda que o ensino remoto aprofundou as desigualdades de classe social, de gênero, de raça, digital, entre outras. A exigência de dedicação exclusiva foi contraposta à desvalorização da(o)s docentes, por conta de perdas salariais, quinquênios, sextas-partes e concursos suspensos.

A falta de protocolo de biossegurança e testagem da comunidade USP foi outro tópico recorrente, assim como o uso da crise sanitária para justificar dificuldades de gestão.

Foram referidos problemas como insegurança, desmotivação, vergonha – por se sentirem fraudando a educação de fato –, esgotamento mental e físico, isolamento social, constatação de desamparo por parte da instituição.

Por outro lado, houve resposta que se referiu à crise como oportunidade de mudança nos modelos atuais de ensino presencial e de pesquisa, em especial o modelo de pesquisa experimental, que deveria ser repensado com a finalidade de diminuí-lo, pois a pesquisa não-experimental se manteria com excelência à distância. Houve ainda críticas a estudantes que contestaram a qualidade e eficácia do ensino remo-

to, avaliando que “reclamaram da autonomia e preferem o modelo presencial passivo”. Por outro lado, houve docente que revelou preocupação com a situação estudantil, pois estudantes também ficaram sobrecarregada(o)s, com dificuldade de acompanhar as aulas, defendendo a possibilidade de cursarem as disciplinas presenciais pós-pandemia.

No que concerne às atividades de extensão, o impacto foi negativo, tanto na avaliação qualitativa quanto na quantitativa, com cancelamento ou execução parcial de muitas atividades.

No que diz respeito à negativa avaliação docente, acima referida, acerca da atuação da reitoria no período da pandemia (de seu início até a data que finalizamos a coleta de dados da pesquisa), é necessário retornarmos aos dados quantitativos.

Quando perguntada sobre esse tópico, 33% da categoria de docentes julgou que tinha sido razoável, 25,3% considerou ruim ou péssima e 41,6% avaliou como boa ou ótima. Confrontados com as 273 respostas escritas e acima analisadas, constata-se

um descompasso entre essas duas análises, pois, pelos dados estatísticos, a reitoria teria uma avaliação mais positiva do que negativa, enquanto as respostas escritas são predominantemente negativas.

O QUE NOS REVELA A PESQUISA?

Há uma cisão entre docentes na avaliação da reitoria que precisa ser pensada mais detidamente, sobretudo quando há planos de retomada das atividades presenciais. Uma decisão bem avaliada pela grande maioria da categoria, ainda que com críticas, foi a de manutenção do ensino remoto até o efetivo controle ou extinção da pandemia, decisão que certamente pesou muito na avaliação positiva da gestão da pandemia pela reitoria.

Se nós, docentes, podemos continuar a nos valer desse recurso, preservando-nos da Covid-19, o que dizer da atual decisão da USP de retomar o quanto antes as atividades não essenciais, quando a pandemia ainda não baixou seus níveis de contamina-

ção, colocando em risco, sobretudo, funcionárias e funcionários, além de outros grupos minoritários?

O distanciamento ainda é a maior arma contra a pandemia e não pode ser abandonado sem que haja extrema necessidade. O plano de retomada paulatina das atividades presenciais por parte da reitoria vem na contra-mão dessa orientação, colocando em sério risco grande parte da comunidade uspiana, motivado exclusivamente pela demanda do governo do Estado, sem qualquer fundamentação no campo da saúde pública e das recomendações da Organização Mundial da Saúde. Essa postura da reitoria ignora, inclusive, as contribuições de colegas das áreas de conhecimento di-

retamente envolvidas com a temática da pandemia, o que é absolutamente incompreensível e inaceitável!

Enfim, a pesquisa revelou que nossa categoria está preocupada em fazer o melhor possível para gerir a presente situação com aulas, pesquisas e outras atividades remotas, procurando criar um cotidiano de excepcionalidade, que mantenha as atividades acadêmicas na medida do possível, mas valorizando sobretudo a preservação das vidas não somente de nossa categoria, mas de todas as

que compõem a comunidade uspiana. É fundamental que a direção da universidade faça o mesmo.

NOTA: É importante lembrar que os dados aqui recolhidos e apresentados são resultado de uma consulta à categoria docente e que não se orientou pelo rigor que demandaria uma pesquisa científica, mas ainda assim possibilita que tenhamos uma ideia geral da percepção, por parte de nossa categoria, do impacto da pandemia de Covid-19 no trabalho acadêmico

